

## ENTREVISTA

### Entrevista com Dirk Braunstein\*

Anouch Kurkdjian e Thiago Simim\*\*

Dirk Braunstein atualmente é pesquisador no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt. Nascido na cidade de Leverkusen, em 1971, Braunstein obteve seu mestrado [*Magister*] em Filosofia, Filologia Inglesa e Pedagogia na Universidade de Colônia em 2001 e em 2011 concluiu seu doutorado em Filosofia na Universidade de Livre de Berlim, defendendo a tese intitulada *Adornos Kritik der politischen Ökonomie* (Braunstein, 2016). Entre 2010 e 2011, Braunstein organizou e editou pela Suhrkamp o curso “Filosofia e sociologia” proferido por Theodor W. Adorno no semestre de verão de 1960 (cf. Adorno, 2011). Desde 2012 ele se dedica à pesquisa, organização e edição de protocolos dos seminários oferecidos por Adorno ao longo de vinte anos de atividade docente na Universidade de Frankfurt.

Os protocolos são o resultado de uma prática didática instaurada por Adorno desde seus primeiros seminários em Frankfurt, após o retorno do exílio nos Estados Unidos, em 1949, e mantida até seu último seminário em 1969, ano de sua morte. A cada sessão, um estudante ficava responsável por relatar o que havia sido abordado; essa ata era lida no início do encontro seguinte e usada como ponto de partida para a discussão daquele dia. Disponíveis até agora apenas no Arquivo Central da Biblioteca da Universidade de Frankfurt e no Arquivo Theodor W. Adorno, os protocolos estão sendo reunidos e organizados por Braunstein e em breve serão publicados em edições fartamente comentadas. Esse projeto editorial é um dos assuntos de nossa entrevista, na qual Braunstein afirma esperar que sua publicação sirva para iluminar tanto as dinâmicas da atividade docente de Adorno, quanto a gênese de seus textos e sua forma de trabalho intelectual.

---

\* Entrevista concedida em 10 de dezembro de 2018 no Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt. Agradecemos a Luiz Philipe de Caux pela revisão da tradução do alemão para português.

\*\* Anouch Kurkdjian é doutoranda no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e Thiago Simim é doutorando no Instituto de Pesquisa Social e no Instituto de Sociologia da Goethe-Universidade de Frankfurt.

Outros assuntos da entrevista concedida em dezembro de 2018 foram sua atividade junto à Sociedade Internacional Georg Lukács, da qual é membro do comitê diretor, sua tese de doutoramento, na qual defende que Adorno formulou uma crítica da economia política a partir de uma leitura muito própria da obra tardia de Marx e em tensão com outros teóricos do marxismo do século XX, além de textos que compõem seu livro mais recente, *Wahrheit und Katastrophe*, também sobre Adorno (cf. Braunstein, 2018).

Ao longo de sua trajetória, Dirk Braunstein formulou uma leitura rigorosa e instigante da obra de Adorno, apoiado em material de arquivo pouco conhecido pelo público, mesmo o alemão. Para os leitores brasileiros, em especial, a entrevista é uma boa oportunidade para se aproximar do trabalho de Braunstein, cujos livros infelizmente ainda não foram traduzidos para o português, e para conhecer sua pesquisa com os protocolos dos seminários de Adorno, material inédito que deverá jogar nova luz sobre a obra do pensador frankfurtiano.

*Entrevistadores: Primeiramente, muito obrigado pela disponibilidade em participar dessa entrevista, Dirk. Você poderia descrever sua biografia acadêmica e contar como você chegou à obra de Theodor Adorno e como desenvolveu o seu interesse por ela?*

**Dirk Braunstein:** Sim, posso. Isso foi..., eu cheguei meio tarde em muitas coisas, em diversos aspectos, e no caso de Adorno foi exatamente isso o que aconteceu. Deve ter sido em 2000: eu fiz meu mestrado [*Magister*] nessa época, ainda em Colônia, e propus como tema da prova - eu me interessava pela questão da mídia e da crítica - fazer uma crítica da mídia a partir de Marx e quando eu, então, recebi a notificação do departamento de exames, constava lá o tópico “Crítica da mídia segundo Marx e Adorno”. Eu não sabia nada de Adorno, exceto o que tinha visto na minha graduação em filosofia, isto é, tinha lido uma vez a *Dialética do esclarecimento*, e meu professor achava que com Adorno o tema soava mais filosófico e geraria mais interesse do que com Marx, de quem eu já havia me ocupado bastante. E assim eu corri para a livraria mais próxima e arranjei a obra completa de Adorno...

*E: De uma vez só?*

**D.B.:** É, isso. Era um “box”, que estava em oferta - eu o tenho até hoje - e custou 200 marcos naquela época. Bom, então tinha eu lá os 20 volumes da obra completa de Adorno e pensei “por onde devo começar?”. Eu li e fiquei muito animado desde o início: não quero dizer que entendi tudo logo de cara, mas pra mim foi, depois de Marx, o primeiro filósofo de quem eu pensei “tem alguma coisa aqui, algo que

pra mim parece correto, algo de verdadeiro para mim e que me diz alguma coisa”. Esse sentimento, eu não o tinha em relação a Kant ou a Hegel; eu tinha interesse em Hannah Arendt, mas não essa sensação imediata de que aquilo me dizia alguma coisa, que aquilo dizia respeito a mim. Com Adorno, sim, eu tinha essa sensação muito forte, fosse com ou sem razão, era algo que ficava em aberto, pois como eu disse, quando se está no começo, não se entende nem a metade. Mas foi assim que cheguei nisso e foi por onde prossegui. Foi pura coincidência, foi sem querer que o professor me trouxe até aqui. Ele não era, de modo nenhum, um adorniano ou algo assim.

*E: Uma das grandes divisões na recepção da obra de Adorno diz respeito ao estatuto de sua relação com a teoria de Marx. Como seu livro *Adornos Kritik der politischen Ökonomie* se situa nesse debate?*

**D.B.:** Como gancho eu escolhi justamente essa citação de Habermas, em que ele diz que Adorno sabidamente nunca teria se dedicado à crítica da economia política - e isso é realmente errado. Eu devo confessar que nem sequer sei se há aí um debate assim tão grande. Naquela altura, antes de ter essa ideia, ou melhor...eu cheguei até essa ideia, porque na época eu havia criado um grupo de leitura sobre a *Dialética negativa* e em algum momento chegamos ao ponto em que tinha sempre algo como relações de troca, ou o sacrifício, a troca isso, a troca aquilo, etc. E em algum momento chegamos ao ponto em que nos perguntamos: “tá, mas o que realmente o Adorno sabe sobre economia?”. Em algumas passagens da *Dialética negativa* ele fala da economia de uma maneira em que fica pouco claro: isso é tomado de empréstimo de Marx? São, sei lá, debates econômicos com os quais Adorno talvez tenha tido contato no Instituto ou como professor universitário? Que conceito de economia Adorno tem, de fato? Claro, a troca, ela é sempre central, e as pessoas gostam muito de dizer: “ah, sim, mas isso é muito diferente de Marx, ele não compreendeu nada do conceito marxiano de troca”. Bom, assim cheguei a essa questão e me perguntei: “como é que é isso?”. Foi um trabalho de reconstrução e aonde cheguei foi que, certo, é claro que muito ali não é compatível com Marx, penso eu, e Adorno, Deus o sabe, não realizou essa formação ou essa formação autodidata [em economia], tal como Marx o fez. Para Adorno é muito claro que a quantificação do mundo [*Quantifizierung der Welt*] é central e que o, por assim dizer, pecado original consiste no que hoje consideramos como sendo a economia. Adorno disse em uma passagem que se considerarmos que todo o pensamento da identidade, de que algo precisa ser idêntico a si mesmo, é fundamentalmente aquilo que, por um lado, primeiro possibilita em geral a separação de sujeito e objeto e, por outro lado, traz consigo [a separação], se pensarmos isso como um pressuposto, então, como disse Adorno, a economia capitalista é apenas um caso particular de economia.

*E: Mas você acha que a recepção de Adorno em geral, na Alemanha, vai em outro sentido, não é? Em vez de ver, nesse sentido, que de algum modo há essa trilha econômica...*

**D.B.:** Não, isso é descartado. Quando alguém quer se dedicar à crítica da economia política, que é ela mesma já um modo específico de lidar com a economia, quer dizer, de lidar de maneira não positiva com a economia, então Marx é não apenas o primeiro, mas, acredito, o único endereço na Alemanha. Isso ocorria já na minha época, quando eu era um estudante, e na verdade se intensificou desde então. Em quase todas as cidades universitárias há vários cursos de leitura em Marx e coisas do tipo, e no que tange a esse tema Adorno não ocupa nenhum papel. A ele se recorre mais comumente para lidar com fenômenos culturais: indústria cultural, filosofia da linguagem mais recentemente e coisas desse tipo. Mas tentar recuperar os pressupostos de Marx por intermédio de Adorno, o que, para mim, seria possível, isso não fazem.

*E: De algum modo, esse é também um ponto de seu novo livro *Wahrheit und Katastrophe: Texte zu Adorno* que, por um lado, traz alguns temas usuais como o diagnóstico de época, a crítica como práxis, mas, de outro lado, também tematiza o vínculo com o marxismo, a questão do materialismo, a relação com Lukács. Há aí uma continuidade entre esse e o primeiro livro e uma continuidade também no que diz respeito a essa concepção da teoria de Adorno?*

**D.B.:** Bem, continuidade na concepção sobre Adorno...

*E: Ou na influência de Marx em Adorno...*

**D.B.:** Adorno passou por um desenvolvimento, como eu procurei mostrar na minha tese de doutorado *Adornos Kritik der politischen Ökonomie*. Não foi como se, em dado momento, digamos, a partir de seu livro sobre Kierkegaard, por exemplo, ele estivesse já ancorado em uma determinada crítica da economia política, mas, antes, isto se desenvolveu de fato apenas em seu exílio nos Estados Unidos. O ponto de partida para Adorno foi reconhecidamente *História e consciência de classe* de Lukács: esse foi o texto central para Adorno. Foi só a partir de então que ele enfrentou *O capital*, sem, contudo, ir além dos três primeiros capítulos, e foi em cima disso que ele elaborou e formulou o que eu tentei descrever como a crítica da economia política de Adorno. Esse é um procedimento que ocorre com muita frequência em Adorno, na minha opinião. Adorno não é um grande leitor, muito menos um grande receptor no que concerne à filosofia, pois ele se apropria de várias coisas, mas principalmente em movimento reativo ao muito pouco que leu em relação ao que

incorporou em sua própria teoria. Um procedimento que, hoje, provavelmente não seria mais tão facilmente realizável, tendo em vista o fluxo de possibilidades na recepção e também porque eu tenho uma impressão muito forte de que tudo que se escreve hoje já foi pensado por alguém em algum momento. Assim, eu construí o trabalho com muitas citações e pensei: “devo fingir que isso é algo novo?”. Eu acho que não funciona mais assim.

*E: Ainda nesse tema do marxismo, sua atividade na Sociedade Internacional Georg Lukács contribuiu de algum modo no que diz respeito a essa relação entre Marx e Adorno ou entre Lukács e Adorno?*

**D.B.:** Bom, eu não sou um grande fã de Lukács. Minha atuação lá surgiu da escrita da tese e do fato exterior de que eu agora trabalho aqui no Instituto e porque essa Sociedade Internacional Lukács, por assim dizer, gostaria de ter mais prestígio. Se alguém que está no Instituto de Pesquisa Social também trabalha com Lukács, isso é visto como uma coisa boa, algo assim. Mas eu escrevi, junto com um amigo, Simon Duckheim, o texto ao qual você acabou de fazer referência, que saiu no Anuário Lukács de 2014/15<sup>1</sup> e que eu republicuei no livro *Wahrheit und Katastrophe*. Eu acho que esse texto contém realmente tudo o que Adorno pensou, o que Adorno escreveu sobre Lukács, eu pesquisei por muito tempo em diversos arquivos - não digo como se fosse algo maravilhoso, mas quando se tem toda essa compilação nas mãos, algo se delineia ali - e, no fim das contas, é algo muito resignado o que resta de Lukács para Adorno. De fato tão resignado, que ele diz em uma carta a Lucien Goldmann: “Eu nunca me esquecerei que Lukács me levou a Marx e, portanto, à crítica da economia política, mas seus escritos mais recentes, isto é, os escritos em que há um certo odor stalinista, eles não apenas são simplesmente ruins, mas jogam uma luz significativa sobre seus textos de juventude, no sentido de que eles foram escritos por alguém que não teve problema em se ajustar ao stalinismo mais tarde. Onde resta o potencial de resistência no autor?”

*E: E agora sobre o Arquivo do Adorno: você pode nos contar mais sobre seu trabalho no Arquivo do Adorno junto ao Instituto de Pesquisa Social? E também, mais especificamente, sobre seu projeto atual, acerca dos protocolos das aulas e dos seminários dados por Adorno?*

**D.B.:** Então, eu não trabalho no Arquivo Adorno, mas no Arquivo do Instituto de Pesquisa Social. São dois arquivos diferentes...

---

<sup>1</sup> Braunstein, D.; Duckheim, S. (2015) “Adornos Lukács. Ein Lektürebericht”. In: *Lukács 2014/15. Jahrbuch der Internationalen Georg Lukács-Gesellschaft*, pp.27-79.

*E: Arquivo Adorno é o nome do que fica em Berlim?*

**D.B.:** Não, ele fica aqui no prédio, mas só em Berlim se pode consultá-lo. Ele pertence à Fundação Reemtsma...

*E: Ok, esse é um mal-entendido frequente então, eu já li em vários lugares...*

**D.B.:** Sim, é um pouco estranho ter dois arquivos aqui...

*E: Ok, trata-se do Arquivo do Instituto de Pesquisa Social, certo? Entendi.*

**D.B.:** Isso, e os protocolos, com os quais eu estou trabalhando agora, não ficam aqui no Arquivo do Instituto de Pesquisa Social, mas sim... bem, Adorno foi professor de filosofia e de sociologia na universidade, e as coisas que ele fez nos seminários de filosofia, os protocolos redigidos naqueles seminários, estão aqui no *Archivzentrum* [da *Universitätsbibliothek*, localizada no bairro de Bockenheim], porque foram considerados como parte do espólio de Horkheimer. Todos os seminários em filosofia foram realizados por Adorno formalmente em conjunto com Horkheimer. Horkheimer também estava lá com frequência, não sempre. Especialmente depois de ter ido embora de mudança para a Suíça - isso deve ter sido em 1957 - ele passou a estar presente apenas esporadicamente. Quanto aos protocolos dos seminários de Adorno na sociologia, eles estão, no momento, no *Universitätsarchiv*, também aqui em Frankfurt, claro.

*E: Você trabalha com os protocolos dos seminários de ambas as disciplinas?*

**D.B.:** Sim, eu estou editando todos os protocolos disponíveis aqui. No início de cada encontro do seminário, Adorno escolhia um ou uma participante para redigir o protocolo daquela sessão. Desse modo, conservaram-se mais de 450 protocolos, a partir de 56 cursos diferentes.

*E: As transcrições dos cursos em formato de aulas expositivas [Vorlesungen] fazem parte desse material, ou apenas os protocolos dos seminários?<sup>2</sup>*

**D.B.:** Não, trata-se apenas dos seminários, precisamente. A partir de um certo momento, Adorno passou a gravar as aulas expositivas com um gravador de rolo e as

---

<sup>2</sup> Seminário [*Seminar*] designa o formato de aula em grupos menores e com participação ativa dos alunos. Ou seja, se trata de um formato mais dinâmico que a aula expositiva [*Vorlesung*], a qual se resume na apresentação/leitura contínua do professor em auditório, com possibilidade eventual de poucas perguntas no final de cada encontro.

gravações foram transcritas; a maior parte das fitas já não existe mais. As transcrições estão disponíveis no Arquivo Adorno, que edita os cursos na editora *Suhrkamp*, ou melhor, os cursos são editados pelo Arquivo Adorno e publicados pela *Suhrkamp*.

*E: Como surgiu a ideia desse projeto e quais seus objetivos? Quanto do trabalho já foi feito?*

**D.B.:** A ideia surgiu durante o meu trabalho na tese de doutorado. A princípio eu imaginava que a tese seria muito simples de realizar, com no máximo 200 páginas, simplesmente porque eu estava contando muito com o fato de que não iria encontrar muito material relevante. E então eu fui ao Arquivo Adorno (em Berlim) e lá um funcionário, Michael Schwarz, me disse que em Frankfurt havia os protocolos de seminários do Adorno. Eu não sabia disso até então, só depois me dei conta que Alex Demirovic já tinha consultado esse material no livro *Der nonkonformistische Intellektuelle*<sup>3</sup> (1999). Então eu vim para Frankfurt e naquele tempo os protocolos dos seminários sociológicos ainda ficavam na Biblioteca do Departamento de Ciências Sociais, e eles ficavam lá simplesmente em volumes encadernados. Eu dei uma olhada e fiquei tremendamente entusiasmado com eles. Isso me deu muito material para a tese, e pensei a princípio: Uau, alguém tem que fazer alguma coisa com isso. Eles não estavam ainda em um arquivo, então eu meti todos os volumes na copiadora e fiquei o dia inteiro fazendo isso, copiando tudo o que eu podia copiar. E uma vez a tese tendo ficado pronta, eu fui chegando devagar à ideia de que provavelmente ninguém mais iria fazer isso, então eu mesmo poderia fazê-lo como um projeto de edição e assim foi: eu me encontrei com o Klaus Lichtblau, que ainda era professor aqui em Frankfurt e que conhecia os protocolos, sabia que eles existiam, e ele disse que poderia entrar em contato com o Instituto. E assim aconteceu: eu entrei aqui como um pesquisador visitante e iniciei o projeto. Qual era a outra pergunta?

*E: Quais são os objetivos?*

**D.B.:** A publicação, simplesmente. Todos os protocolos são transcritos e comentados em notas de rodapé, esse é o trabalho que estou fazendo nesse momento. São muitos, muitos, muitos comentários, vários milhares de notas, claro, e eles serão publicados em vários volumes. E a obtenção dos direitos durou muito tempo, porque os protocolos não foram redigidos pelo próprio Adorno, mas por cerca de 330 pessoas diferentes, e tínhamos que conseguir a liberação com todas elas; bem, com todas

<sup>3</sup> Demirovic, A. (1999) *Der nonkonformistische Intellektuelle. Die Entwicklung der Kritischen Theorie zur Frankfurter Schule*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

era impossível, mas conseguimos resolver com a editora e obter todos os direitos possíveis, e o mais difícil foi encontrar hoje os endereços e telefones atualizados dos redatores. Isso só foi possível com muitíssimo trabalho.

*E: Isso já foi resolvido, certo?*

**D.B.:** Sim, já foi resolvido nesse meio-tempo. Agora basicamente trata-se apenas de fazer os comentários. Ou seja, esse “apenas”, na verdade, é o trabalho filológico de edição principal.

*E: E os protocolos tinham, naquela época, uma função determinada para Adorno e seus alunos?*

**D.B.:** Sim. Os protocolos de uma sessão eram lidos na sessão seguinte, e isso tinha como propósito poder avançar diretamente de onde se havia parado na sessão anterior, e também servia para aqueles que não haviam estado presente poderem pegar o bonde. Era uma espécie de fio da meada que era tecido nos protocolos. E para o próprio Adorno: o método de trabalho de Adorno - por isso também suas aulas eram transcritas - era que frequentemente ele revisava não apenas seus apontamentos, mas também suas aulas e em parte também os protocolos dos seminários, que eram trabalhados tanto até alguns virarem textos. Então os protocolos também eram usados como material para publicações futuras.

*E: Os textos de Adorno, como sabemos, normalmente trazem algumas dificuldades para os leitores, sobretudo devido à elevada importância que ele atribui à forma de expressão e à forma do pensamento, por um lado...*

**D.B.:** Sim, mas isso... são os objetos que trazem as dificuldades. O modo de expressão tenta expressar o máximo possível o que já está lá como dificuldade.

*E: No entanto, ao se ler os cursos já publicados, não os protocolos, mas os cursos, nota-se que Adorno preocupa-se mais com a clareza de sua exposição e é muito acessível às perguntas dos estudantes. Os protocolos contém algo de novo sobre o formato desses cursos e sua atmosfera, ou sobre Adorno enquanto docente? Digo, não como teórico.*

**D.B.:** Sim, os protocolos mesmos talvez menos do que os relatos dos alunos responsáveis pelas atas...

*E: Esses relatos também fazem parte dos protocolos?*

**D.B.:** Não, mas eu tive contato com vários alunos, por exemplo. Quero dizer, é claro que Adorno, nas aulas, preocupava-se em comunicar aquilo que ele tinha a dizer; por outro lado, ele não praticava em seus cursos algo como uma teoria pela metade, mas tratava-se sempre da coisa por inteiro, isto é, da verdade. E seu - bom, é uma palavra patética -, mas seu *ethos* pedagógico era, penso eu, levar tudo a sério, também levar a sério os estudantes, e mostrar a eles filosofando como se filosofa, mesmo que sob o risco de que, em parte, não conseguissem acompanhar.

Eu falei da filosofia. Na sociologia é um pouco diferente, eram seminários nos quais era desejada uma participação ativa, por exemplo, quando se se tratava de elaborar a Escala-F, a Escala de Fascismo ajustada para a Alemanha, que foi discutida em um seminário correspondente sobre esse tema, era debatido como se poderia formular melhor os itens do questionário, se um item era plausível, e se decidia: “não, esse deve ficar de fora, vamos formular algo diferente”. Isso era muito diferente, o que, a meu ver, diz muito também da relação que Adorno tinha com a filosofia, de um lado, e com a sociologia, de outro.

*E: Certo, nós ainda temos uma pergunta sobre essa relação entre a prática docente e a atividade teórica, no sentido da produção textual, de Adorno. Acho que você já respondeu mais ou menos...*

**D.B.:** Sim, sobre o que eu acabei de dizer, há uma anedota, uma história do Rolf Tiedemann, que disse que quando ele era um jovem estudante, perguntou para o professor Adorno se ele também tinha dificuldades com a escrita, se para ele isso também era algo muito extenuante, e Adorno respondeu: “sim, mas não é a escrita, e sim o pensamento que é difícil”. E isso tem a ver realmente com o momento de expressão do texto, que para Adorno era absurdamente importante.

Há textos que podem ser consultados no arquivo que Adorno revisou seis, sete, oito vezes, para encontrar a forma de expressão que fosse mais correspondente. As pessoas gostam sempre de dizer que isso é basicamente uma espécie de derivado de sua atividade musical, o que pode até de certo modo ser verdade, mas não explica muito além de que, se esse é o caso, então seria todavia necessário talvez dedicar-se à música e detectar lá seu conteúdo de verdade, algo que eu infelizmente não consigo. Isso por um lado é engraçado, mas por outro eu acho uma grande pena. Há eventos e palestras em que pessoas que conhecem mais disso do que eu tentam explicar com exemplos musicais onde está o teor de verdade em certos pontos das

obras de Schönberg, por exemplo. Isso é plausível, mas eu não consigo vivenciá-lo, o que é realmente uma pena. Creio que o jazz, por exemplo, é uma forma de música muito expressiva e apta à verdade, mas que também está completamente vedada para mim, devido à minha formação musical, ou no meu caso, à minha não-formação musical; eu fui socializado com a música *Schlager* [estilo de música popular alemã], me desvinculei completamente disso, mas esta foi minha socialização musical, deve-se levar isso em conta. Eu pude escapar dela, mas isso foi tudo, não consegui mais nada além disso.

*E: E você pensa que esses protocolos têm algum papel enquanto fontes para a compreensão do trabalho do Adorno ou de seu pensamento como um todo?*

**D.B.:** Eu não acho que sejam necessários. Mas que desempenhem um papel, isso eu espero que sim. É por isso que estou trabalhando com eles. Eu me interesso em contribuir com textos da teoria crítica, em contribuir para o discurso da teoria crítica. Os protocolos me pareciam muito relevantes para ficarem mofando no fundo de um arquivo. Relevantes tendo em vista o objetivo da teoria crítica, que é a crítica da sociedade. E eu acho que esse material contribui para esse objetivo. Isso é suficiente para mim.

*E: A próxima pergunta também tem a ver com isso, com essa concepção convencional da teoria crítica. De acordo com essa concepção, um texto enquanto teoria ou enquanto pensamento possui um conteúdo teórico contextualizado, um diagnóstico de época. Ao mesmo tempo, muitas teses formuladas por Adorno e por outros membros da assim chamada Escola de Frankfurt mostram-se ainda hoje aproximações fundamentais para apreender a nossa época. Na sua opinião, o estudo desses protocolos, que são um material de arquivo aparentemente secundário e de tom mais cotidiano, também pode representar alguma contribuição no que diz respeito à atualidade da teoria crítica da sociedade de Adorno, que vai além, portanto, de um interesse meramente histórico no pensamento do autor?*

**D.B.:** A teoria crítica de Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse e etc., que é agora chamada de primeira geração da Escola de Frankfurt (isso é horrível, mas é assim que ela é chamada), ela não é atual no sentido de algo pelo qual o discurso científico trabalharia com empenho, ou de que, como em 1968, a teoria estava presente nas ruas ou algo assim. Esse tipo de discurso público, ou parcialmente público, ou de discurso acadêmico, não existe mais. Ele não pode ser tão facilmente revitalizado, eu penso, porque existem razões...bem, talvez melhor não falar sobre as razões aqui, porque há muitas camadas de razões. Mas uma razão bem simples é que essa

empresa gigantesca que é a ciência sempre precisa de algo novo, sempre algo novo deve estar nos holofotes - trata-se de uma indústria, é claro - pois de outro modo ela não funciona. Você não consegue fazer isso se referindo sempre aos mesmos livros, então é preciso fazer algo novo. Eu também preciso produzir algo novo e, seja com material antigo, material histórico, eu tenho que produzir algo novo, isto é, novos livros, ou eu não ganho dinheiro. É assim que ocorre, é simplesmente econômico. Mas mesmo considerando a hipótese de que vejam a teoria da Escola de Frankfurt como algo velho ou ultrapassado ou desatualizado, minha opinião é que ela diz muito sobre o presente, senão eu faria outra coisa. De modo que os protocolos podem ser colocados ao lado dos cursos ou dos textos genuínos. Dizendo de maneira bem simples, isso depende do que você faz com eles. Eu espero que de algum modo - isso não precisa ter a ver com os protocolos, para mim tanto faz, não me importo com onde estão os germes para a cristalização -, mas espero que em algum ponto haja algo se cristalizando, de onde se possa desenvolver alguma coisa que vá no sentido - não sei, posso dizê-lo? - no sentido da revolução. Por revolução quero dizer realmente o fim de toda essa merda, tal como ela existe, no sentido de algo totalmente diferente, do qual não temos nenhuma ideia de como será. E nisso eu estou completamente de acordo com Adorno. Se isso é possível, é outra coisa. Mas eu não sei o que poderíamos fazer em vez disso.

*E: Você acha que o Adorno estava na direção correta...*

**D.B.:** Não há em Adorno nenhuma teoria da revolução ou coisa assim. Eu também não tenho uma. Isso é um problema teórico-prático. A práxis no momento não anda numa direção sobre a qual eu diria: “nossa, parece que vai acontecer alguma coisa”. Mas, por outro lado, não sei, eu tenho alguma esperança. Eu sempre fui muito desesperançoso, mas há muitas coisas hoje, que eu penso estarem andando na direção correta.

*E: O.k., ainda nessa relação entre teoria e prática, mas em outra faceta: uma das críticas mais frequentes aos autores da primeira geração é que eles teriam relegado a pesquisa empírica a um segundo plano. Haveria um déficit na relação entre teoria e prática no trabalho da primeira geração, distância que a geração atual estaria tentando corrigir. Você acha que os protocolos trazem novas indicações sobre como Adorno concebia essa relação ou até que ponto ela era relevante para ele ou como ele a desenvolveria?*

**D.B.:** Acho que é um erro dizer que havia pouca pesquisa empírica, ou que ela não era feita corretamente. O Adorno não é o Instituto de Pesquisa Social e o Instituto

de Pesquisa Social não é o Adorno. Quando Adorno se sentou para escrever, por exemplo, a *Dialética negativa*, que de fato não é uma orientação para a prática, ele não fez isso enquanto diretor do Instituto, mas enquanto um filósofo. Ele pediu para isso um afastamento na faculdade de algo como um ou dois semestres. Isso é o primeiro ponto. Aqui no Instituto mesmo, houve naquela época, nos anos 1950 e 1960, muita pesquisa empírica a respeito, sobretudo, da ideologia na Alemanha do Pós-Guerra, e que, enquanto pesquisa, realmente tentou intervir na sociedade de maneira direta. O “experimento de grupo”<sup>4</sup> (*Gruppenexperiment*) e o “estudo sobre os repatriados” (*Heimkehrerstudie*)<sup>5</sup> são bons exemplos. E mesmo o estudo sobre a seleção de recrutamento (*Auswahlstudie*), que tratava da remilitarização da Alemanha ocidental e buscava avaliar quem de fato estaria apto a ser um oficial, etc. Havia ligações com o Departamento de Proteção da Constituição (*Verfassungsschutz*), tentava-se trazer funcionários [para trabalhar no Instituto]. Quer dizer, o Instituto, especialmente nos anos 1950, ocupou-se realmente da democratização da Alemanha Ocidental e isso se reflete em quase todos, eu diria mesmo em todos os estudos empíricos que foram feitos aqui. Essa era realmente uma preocupação muito central naquilo que era feito no Instituto, não se pode exagerar o quanto. Então, *reeducation*, se quisermos, embora eu utilizaria esse conceito antes para os americanos... democratização, de um lado, e a tentativa de esclarecer como se poderia impedir um processo de renazificação da sociedade. O que, por sua vez, se faz notar em todo escrito teórico de Adorno, como “O que significa elaborar o passado” (1959) [“Was bedeutet Aufarbeitung der Vergangenheit”], e também nos escritos sobre Auschwitz e os julgamentos de Auschwitz.

*E: E essas pesquisas aparecem de algum modo nos seminários?*

**D.B.:** Bem, às vezes, como eu acabei de falar, sobre a Escala-F por exemplo, que foi de fato feita em colaboração nos seminários, inclusive havia lá estudantes que

---

4 Trata-se de uma pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Social para avaliar a permanência de valores e opiniões fascistas na Alemanha Ocidental logo após a Segunda Guerra. Os autores questionavam as conclusões das pesquisas de opinião comissionadas pelas autoridades americanas, segundo as quais valores e atitudes fascistas haviam se enfraquecido e discutiam a utilização de *surveys* para captar tendências ideológicas mais arraigadas e profundas. A pesquisa procurou entender criticamente a própria noção de opinião pública, aprofundando-se nos processos sociais de formação dessas opiniões, entendidos como algo mais complexo do que a mera soma de opiniões individuais. Pollock et al. (1995) *Gruppenexperiment: ein Studiebericht*. Serie: Frankfurter Beiträge zur Soziologie, v.2. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt. Há uma reedição mais recente em inglês: (2011): *Group experiment and other writings: the Frankfurt School on public opinion in postwar Germany*. Cambridge: Harvard University Press.

5 Outro estudo empírico feito pelo Instituto de Pesquisa Social, cujo objeto de investigação era o grau de aceitação da democracia parlamentar entre ex-soldados e membros da SS que foram prisioneiros de guerra. Sobre essa pesquisa, ver Braunstein D., Link F. (2019) Die »Heimkehrerstudien« des Instituts für Sozialforschung und ihr politisches Scheitern. In: Endreß M., Moebius S. (eds) (2019). *Zyklus 5. Jahrbuch für Theorie und Geschichte der Soziologie*. Springer VS, Wiesbaden.

depois viraram pessoas influentes, como, por exemplo, Regina Becker-Schmidt.<sup>6</sup>

*E: Muito bem. Na verdade, estamos quase terminando, mas você teria algo mais a dizer sobre esses protocolos, algo que você ache interessante e que não comentamos. Quer dizer, já falamos sobre muitas coisas interessantes, mas talvez você tenha algo mais em mente sobre eles.*

**D.B.:** Talvez não necessariamente algo sobre os protocolos, mas eu uma vez liguei para uma das relatoras do seminário, para obter os direitos de publicação. Ellen Schölch, que mais tarde se tornaria esposa de Ludwig von Friedeburg<sup>7</sup> e era frequentadora de um dos seminários. Eu estava com ela no telefone e ela me contou que naquela época tinha vindo de Hamburgo para Frankfurt, onde assistia ao curso, e não estava entendendo nada. Ela se sentia muito solitária, estava triste e queria interromper os estudos. E Adorno em um dado momento virou-se para ela e disse: “Senhorita Schölch, qual é o problema? Você parece estar sempre tão triste”. E ela respondeu: “Ah, professor, eu não entendo nada disso, é tudo muito difícil para mim e eu não sei se isso é o que eu deveria fazer...”. E Adorno evidentemente respondeu a ela que também para ele era assim, e que por isso é que eles estavam lá sentados, para aprender o que eles ainda não sabiam, e não era vergonha nenhuma estar lá e não entender as coisas de primeira. Mais tarde, ela obteve o diploma com Adorno e então se casou com von Friedeburg. Uma pequena anedota [risos].

*E: Creio que terminamos. Muito obrigado, Dirk.*

## Referências

- Adorno, T. (1995). “O que significa elaborar o passado”. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.29-50.
- Adorno, T. (2011). *Philosophie und Soziologie* (1960). Nachgelassene Schriften. Abteilung. 4, Vorlesungen. Berlin: Suhrkamp.
- Braunstein, D. (2016). *Adornos Kritik der politischen Ökonomie*. Bielefeld: Transcript.
- Braunstein, D. (2018). *Wahrheit und Katastrophe: Texte zu Adorno*. Bielefeld: Transcript.
- Braunstein, D.; Duckheim, S. (2015). “Adornos Lukács. Ein Lektürebericht”. In: *Lukács 2014/15. Jahrbuch der Internationalen Georg Lukács-Gesellschaft*. P.27-79.
- Braunstein, D.; Link, F. (2019). Die »Heimkehrerstudien« des Instituts für Sozialforschung und ihr politisches Scheitern. In: Endreß M., Moebius S. (eds.). *Zyklus 5. Jahrbuch für Theorie und Geschichte der Soziologie*. Springer VS, Wiesbaden.

<sup>6</sup> Professora de Sociologia e Psicologia social na Universidade de Hannover.

<sup>7</sup> Professor, sociólogo e político de Frankfurt, foi ministro da educação do estado de Hesse e diretor do Instituto de Pesquisa Social entre o final da década de 1970 e o ano de 2001.

- Demirovic, A. (1999). *Der nonkonformistische Intellektuelle. Die Entwicklung der Kritischen Theorie zur Frankfurter Schule*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Pollock et al. (1955). *Gruppenexperiment: ein Studiebericht*. Serie: Frankfurter Beiträge zur Soziologie, v.2. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt.
- Pollock et al. (2011) *Group experiment and other writings: the Frankfurt School on public opinion in postwar Germany*. Cambridge: Harvard University Press.